



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

KECIA KELLY DE AGUIAR PEREIRA

A MULHER NEGRA VENCENDO DESAFIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
A PARTIR DA ESCOLARIDADE

GUARABIRA-PB

2019

KECIA KELLY DE AGUIAR PEREIRA

A MULHER NEGRA VENCENDO DESAFIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
A PARTIR DA ESCOLARIDADE

Artigo científico para conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para Conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Profa.Dra. Ivonildes da Silva Fonseca.

GUARABIRA-PB

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P426m Pereira, Kecia Kelly de Aguiar.
A mulher negra superando desafios na sociedade contemporânea a partir da escolaridade [manuscrito] / Kecia Kelly de Aguiar Pereira. - 2019.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Mulheres Negras . 2. Lutas. 3. Mulheres Negras - Ensino Superior. 4. Mulheres Negras - Sociedade Contemporânea. I. Título

21. ed. CDD 305.56

KECIA KELLY DE AGUIAR PEREIRA

A MULHER NEGRA VENCENDO DESAFIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
A PARTIR DA ESCOLARIDADE

Aprovado em: 19 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca (Orientadora) -UEPB

Sheila Gomes de Melo

Profa. Msa. Sheila Gomes de Melo - Avaliadora (UEPB)

Waldeci Ferreira Chagas

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas-Avaliador 2 (UEPB)

RESUMO

O presente trabalho constituiu-se de uma abordagem qualitativa propondo apontar aspectos relacionados à educação no ensino superior e a expectativa de futuro. Foi utilizado o questionário direcionado para 10 estudantes mulheres autodeclaradas negras que estudavam na Universidade Estadual da Paraíba/Centro de Humanidades dos cursos de História, Letras, Geografia, Direito e Pedagogia. Após a coleta de dados houve a análise que mostrou a importância da universidade na vida daquelas mulheres negras no sentido de quebra de barreiras e paradigmas e afirmar que a instituição universitária é importante para a busca de uma vida melhor individual e para promover mudança na sociedade. Para a reflexão dessa questão foram fundamentais Lélia Gonzalez (1982), Sueli Carneiro (2003), ZANETTI; SACRAMENTO (2010) e Paulo Freire (2001) e (1967)

Palavras chaves: Mulheres negras. Lutas; Mulheres negras - ensino superior; Mulheres negras -sociedade contemporânea.

Abstract

The present work consisted of a qualitative approach proposing to point out aspects related to education in higher education and the expectation of future. The questionnaire was used for 10 female self-declared black students who studied at the State University of Paraíba / Humanities Center of the courses of History, Letters, Geography, Law and Pedagogy. After the data collection, the analysis showed the importance of the university in the life of those black women in the sense of breaking down barriers and paradigms and affirm that the university institution is important for the search of a better individual life and to promote change in society. For the reflection of this question were fundamental Lélia Gonzalez (1982), Sueli Carneiro (2003), ZANETTI, SACRAMENTO (2010) and Paulo Freire (2001) and (1967)

Key words: Black women. Fights; Black women - higher education; Black women - contemporary society.

LISTA DE QUADROS

Quadro I- CIDADES DE RESIDÊNCIA DAS ESTUDANTES NEGRAS.....	14
Quadro II- ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	14
Quadro III - ESTADO CIVIL.....	15
Quadro IV - MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO CURSO.....	15
Quadro V - A UNIVERSIDADE E A IMPORTÂNCIA NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS.....	16

Sumário

1-INTRODUÇÃO	8
2- A MULHER NEGRA E O LUGAR SOCIAL: desnaturalizando	11
3-PROCEDIMENTO METODOLOGICO	13
3.1- As mulheres negras no ensino superior na Universidade Estadual da Paraíba/CH: análise dos dados	14
4- A MULHER NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE	18
Considerações Finais	20
Referências	21

1-INTRODUÇÃO

No decorrer da história do Brasil a mulher negra sempre foi vista como aquela que servia aos brancos, ganhando menos que o homem negro que por sua vez ganha menos que a mulher branca. Entretanto esta desigualdade é por sua vez uma realidade do contexto social e não natural e desde a colonização do Brasil as meninas e mulheres negras eram submetidas aos trabalhos domésticos do sistema escravista e neste a prática da violência sexual por parte dos escravistas.

O direito à educação vem sendo negado para as mulheres negras e mesmo após a abolição da escravatura tal cenário não mudou e a situação de precariedade social que assolava o cotidiano destas mulheres. O despreço por parte do Estado que não promoveu condições necessárias para a sobrevivência de muitos negros e negras forçou a que essas pessoas passassem a habitar as periferias das cidades e que continuassem a fazer trabalho doméstico, uma atividade considerada um trabalho de menos importância e sem regulamentação¹, nas casas de senhores nas cidades, ganhando tão pouco que mal dava para alimentar a si e a sua família.

Dois fatores principais, ambos relacionados à estrutura desigual de oportunidades de mobilidade social depois da abolição, podem ser identificados como os determinantes das desigualdades raciais contemporâneas no Brasil: a desigual distribuição geográfica de brancos e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante.

Em relação ao primeiro aspecto, nota-se que um número desproporcional de negros vive nas regiões predominante agrárias e menos desenvolvidas do Brasil, onde as oportunidades econômicas e educacionais são muito menores do que no sudeste, onde se encontra a parte majoritária da população branca. (GONZALES,1982, p.90)

Esta situação de estarem distribuídos por áreas geográficas de difícil acesso e sem infraestrutura e sofrendo práticas racistas é uma herança transmitida a gerações da população negra, que persistem até os dias atuais. Tais aspectos

¹ O trabalho doméstico no Brasil veio a ser regulamentado pela Lei complementar n. 150, de 1º de junho de 2015 com a sanção da então Presidenta Dilma Rousseff, após 131 anos da abolição. Esta lei gerou muita insatisfação na sociedade brasileira.

contribuem para construção da identidade afro-brasileira destorcida e assim a mulher negra é a mulher negra marginalizada, erotizada para exploração, sofrendo preconceito e exclusão raciais.

Em meio a tantas problemáticas que compõem a sociedade brasileira, a educação para a população negra que deveria oportunizar o acesso a jovens negros/as de condições econômicas, na maioria das vezes, é negada. A educação é importante para gerar uma oportunidade de conquista respeito, aceitação e reconhecimento. A educação é importante para quem estuda e quem ensina e também para a sociedade em geral se educar, conforme afirma Paulo Freire: “Um dia, no processo histórico dessas sociedades, fatos novos sucedem e provocam as primeiras tentativas de uma volta sobre si mesmas.” (1967, p.52).

Trazer como temática a questão da mulher negra como fonte de estudo, devido a enorme gama de lutas e fatos históricos que podem e devem ser explorados, sempre foi meu interesse. Na minha trajetória como estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia vivenciei momentos de batalhas do dia a dia, os quais jamais irei esquecer e todos me “puncionaram” a escolher o tema e que recebeu o título: A mulher negra vencendo desafios na sociedade contemporânea a partir da escolaridade.

Acreditando sempre no poder da educação, porém enfrentando jornadas exaustivas que iam da dificuldade em como chegar no Campus III da Universidade Estadual da Paraíba para assistir aula, viajando em ônibus lotados, mudando de turno para continuar o curso, ir em frente e concluir minha formação profissional. As dificuldades são enormes para quem como eu, reside na zona rural e trabalha, apesar de residir no município de Guarabira mas sempre trabalhei durante todo curso e foi difícil.

Não foi fácil conciliar as atividades acadêmicas com trabalho nem com a minha vida pessoal, sendo: mãe, filha, esposa e dona de casa. Muitas vezes pensei em desistir, acreditando que não seria capaz de harmonizar e chegar onde realmente desejo, que é me tornar Pedagoga. Mas, a minha vontade de vencer sempre foi maior que os traumas encontrados em todo o percurso de aprendizagem.

Assim tomamos como nossos objetivos suscitar uma reflexão sobre a questão da mulher negra que está cursando educação superior por entender que esta mulher

enfrentou muitos obstáculos contra as mais variadas discriminações; esta mulher sofreu e sofrem as perversidades ocorridas pelas relações de poder, desiguais que é constante; esta mulher intenciona as melhores posições sociais para as pessoas que por terem uma melanina diferente são vistas como pessoas inferiores; esta mulher, afirma que ninguém por ter cor de pele e características físicas consideradas de pessoa branca, é melhor que a negra.

Este trabalho ressalta a trajetória de vida de mulheres negras em prol da superação das desigualdades analisando e apresentando as lutas dos movimentos sociais e em quais momentos históricos as reivindicações dos movimentos de mulheres e suas conquistas.

Para tanto, buscou-se entender a visão que a própria mulher negra tem de si no contexto de suas trajetórias, a luta por seus direitos na sociedade é bastante dificultosa e a relação deste processo com a construção afirmativa de suas identidades negras.

Destacar a mulher negra é reconhecer seu papel, é mostrar para o Estado, que há vidas e que não se aceita jamais a sentença de menor valia ou “coisificação” dos corpos de mulheres negras. É reconhecimento social da luta pela garantia de direitos, pelo acesso irrestrito aos serviços públicos de qualidade, pelo fim do extermínio nas periferias, é combater a guerra às drogas.

É ocupar a política, em todos os seus campos, não permitindo que essa casta elitista, branca e machista siga negociando nossas vidas em troca de seus interesses pessoais. É responsabilizar-se por todas na a construção de futuro possível, antirracista, sem nenhum preconceito, onde sejamos iguais.

Muitas abandonam o ambiente escolar para ir trabalhar e obter recursos financeiros para o sustento familiar, e ainda trazem consigo dilemas de aceitação social, enfrentamento das desigualdades, construção da identidade feminista ou feminina.

Estas mulheres iniciam extenuantes jornadas de trabalho, em grande parte, ainda crianças, no que poderíamos apontar a indiferença moral demonstrada pela sociedade em relação ao destino das mesmas, alcançam pouca escolaridade e, em muitos casos, permanecem servindo aos (às) empregadores (as) durante anos, numa clara reprodução dos tempos escravistas. (ZANETTI; SACRAMENTO, 2010,p.28.)

Abordaremos as lutas vivenciadas por jovens negras quanto à igualdade de direitos na educação no ensino superior na atualidade, vencendo desafios e conquistando vários espaços a mulher negra abate as suas próprias realidades onde estão condicionadas.

Porém, a oportunidade de encontrar novos caminhos faz com que estas mulheres tenham outros desejos e realizações a se concretizarem. Com o intuito de explanar o papel da educação na transformação social ocorrida na vivência de jovens negras que buscam uma nova realidade para suas vidas através do desenvolvimento educativo, lutando por seus objetivos em uma sociedade machista, sexista e preconceituosa.

2- A MULHER NEGRA E O LUGAR SOCIAL: desnaturalizando

Para refletir sobre o lugar social das mulheres negras, hoje, é importante, é imprescindível saber onde estiveram em toda a sua construção histórica enquanto mulheres, e para isso, é importante conhecer as experiências acumuladas pelas mulheres negras. A pesquisadora Gonzalez (1992), atenta que para a população negra, as elites da sociedade dizem que há um lugar determinado e este é o lugar da vulnerabilidade social e o “lugar natural é a senzala”, ou o que se parece com a senzala. Lélia Gonzalez diz que:

o lugar natural do grupo branco dominante, são moradias, amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (GONZALEZ, 1982, p.15)

Todo o viver da população negra é marcado por condições de dureza, sofrimento e constantes desafios. Assim, Michele Corrêa, uma mulher do país africano Ruanda, que não conhecia a realidade do Brasil, constata:

Essa força de sobrevivência, transmitida por gerações, carregam um legado duro de perseverança, autossuficiência tenacidade e resistência, um legado que Davis define como os parâmetros para

uma nova condição da mulher. Ser mulher negra no Brasil, ainda segundo Davis, já é em si resistência. (CORRÊA, 2019, s. p.)

Neste trabalho acadêmico propus fazer alguns apontamentos acerca da mulher negra vencendo desafios na sociedade contemporânea, tendo em vista a discussão acerca da sua inserção histórica na sociedade brasileira, que para Gonzalez (1988b,p.72), enfrenta diferentes tipos de racismos.. Há uma espécie de naturalização do preconceito racial, da exploração sexual que atinge mulheres, crianças e adolescentes negras postas em periferias dos grandes centros.

Quando se aborda sobre questões “negras” seja em discursos orais ou escritos em artigos, revistas, jornais entre outros, muitos recebem de forma negativa ou até mesmo não dão a devida atenção necessária e quando a questão é a “mulher negra” os exageros vão além porque a mulher negra carrega a opressão histórica do racismo e nesse mercado de exploração, “a carne negra é a mais barata”, conforme canta Elza Soares.

Visando quebrar o paradigma de que o “lugar de negro”, mas precisamente o da mulher negra, é o que deve ser o de explorada, obediente, escrava, amante, entendo que é necessário refletir sobre o desenvolvimento da cidadania no Brasil, sobretudo em relação às mulheres negras, mostrando a importância de algumas das suas conquistas, enfrentando os desafios de uma sociedade machista e preconceituosa. Neste aspecto, a mulher negra, cursar uma Universidade é uma conquista sem sombra de dúvida. E quando, o seu ingresso se deu em situação fora das cotas raciais no ensino superior², é por demais importante.

A mulher negra diante de muitas barreiras consegue romper uma delas que é o direito de estudar e chegar no nível superior e neste poder desenvolver dentro desse espaço de produção de conhecimento a continuidade da luta contra a pobreza, contra as imagens negativas, contra os estereótipos como encontra-se na fala de Freire:

[...] A luta de classes não se verifica apenas quando as classes trabalhadoras, mobilizando-se, organizando-se, lutam claramente, determinadamente, com suas lideranças, em defesa de seus interesses, mas, sobretudo, com vistas à superação do sistema capitalista. A luta de classes existe também, latente, às vezes escondida, oculta, expressando-se em diferentes formas de resistência ao poder das classes dominantes. Formas de resistência que venho chamando “manhas” dos oprimidos, no fundo, “imunizações”, que as classes populares vão criando em seu corpo, em sua linguagem, em sua cultura. Daí a necessidade fundamental que tem o educador popular de

² A Universidade Estadual da Paraíba nunca inseriu as políticas de ação afirmativa para pessoas negras que são as cotas raciais. Houve a inserção de cotas sociais para estudantes de escolas públicas.

compreender as formas de resistência das classes populares, suas festas, suas danças, seus folguedos, suas lendas, suas devoções, seus medos, sua semântica, sua sintaxe, sua religiosidade. Não me parece possível organizar programas de ação político-pedagógica sem levar seriamente em conta às resistências das classes populares. (FREIRE, 2001 ,s.p.)

A discriminação racial na vida das mulheres negras é constante, apesar disso, muitas constituíram estratégias próprias para superar as dificuldades decorrentes dessa problemática e o acesso ao ensino superior é uma estratégia. Todavia, apesar de, ver a mulher negra, as conquistas são frutos de lutas organizadas buscando sua inserção no mundo do trabalho vencendo a seleção que prima “boa aparência”, a “coisificação”. A educação, contribui e instrumentaliza para o empoderamento e conquista dos seus espaços.

3-PROCEDIMENTO METODOLOGICO

Para desenvolver a coleta de dados na pesquisa de campo foram convidadas 10 alunas do campus III da Universidade Estadual da Paraíba dos cursos de Geografia, Letras, História, Direito e Pedagogia nos turnos manhã, tarde e noite. Para essa escolha foi feita uma observação na qual, identifiquei o comportamento e as características físicas das alunas. Observei a desenvolvura das que circulavam pelo ambiente e neste usavam os seus cabelos crespos combinados com traços os seus diferentes tons de cor pele negra.

O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas. (CARNEIRO, 2003, p. 129)

A pesquisa foi uma abordagem qualitativa na qual o instrumento do questionário foi entregue afirmando para as mulheres selecionadas que eram livres para responder as questões pessoais e dessa forma expressar questões da trajetória educacional e social. Mostramos que a pretensão era refletir em relação ao papel exercido pela mulher negra na sociedade contemporânea, mostrando a importância do acesso ao ensino superior e a perspectiva de futuro.

3.1- As mulheres negras no ensino superior na Universidade Estadual da Paraíba/CH: análise dos dados

As dez (10) mulheres que contribuíram com a pesquisa estavam na faixa geracional da adolescência e juventude, isto é, 16 a 29 anos. Com relação ao local onde residem, apenas 04 é da capital da Paraíba e as demais de cidades de pequeno e médio porte, inclusive 01 do estado do Rio Grande do Norte. Acerca do pertencimento racial, todas se auto declararam negras, com faixa salarial de menos de um salário e sem renda. Portanto, são mulheres negras, adolescentes e jovens em estado de pobreza.

QUADRO I- CIDADES DE RESIDENCIA DAS ESTUDANTES NEGRAS

QUANTIDADE	CIDADE
01	Alagoa /PB
04	Guarabira/PB
03	João Pessoa/PB
01	Serra S. Bento/RN
01	Tacima/PB
Total 10	

Fonte: Pesquisa de campo

II QUADRO - ORIENTAÇÃO SEXUAL

Quantidade	Orientação sexual
03	Bissexual
07	Heterossexual
Total 10	

Fonte: Pesquisa de campo

A questão sobre a orientação sexual foi colocada diante da discussão que vem sendo travada no Brasil e na Universidade Estadual da Paraíba sobre a liberdade da

identidade de gênero e da orientação sexual. Também é vista em muitos momentos as vozes que dizem ser importantes olhar para as mulheres negras que têm orientação sexual homoafetiva e sentem com essa característica a discriminação aumentar. Como se vê nas respostas, há 03 que se assumem como Bissexual e 07 heterossexuais.

QUADRO III- ESTADO CIVIL

Quantidade	Estado civil
02	Casadas
08	Solteiras

Fonte: Pesquisa de campo

Um dado que chamava a minha atenção era o fato de as estudantes jovens serem casadas e com isso ficarem com mais obrigações, todavia os dados registram um maior número de solteiras (08) e a minoria (02) de casadas. A explicação que ficou na análise desse dado é que as estudantes são dos diferentes cursos da UEPB e talvez a concentração de mulheres jovens casadas esteja em curso isolado.

QUADRO IV – MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO CURSO

Quantidade /Participante	MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO CURSO
01	“Para poder compreender o passado e entender a história do imediato”
02	“Pelo interesse despertando na escola, fazendo com que o gosto pela história transmitisse algo em minha vida”
03	“ Para trazer melhorias para o ensino do inglês que é precário no nosso país”
04	“ O gosto pela história”;

05	“O gosto pela língua estrangeira”
06	“ Paixão por literatura”
07	“ Desde a escola a geografia me fascinou”
08	“Um sonho de criança”
09	“Pertencimento à justiça
10	“A oportunidade de cursar uma universidade”

Fonte: Pesquisa de campo

Percebemos que nesse quesito sobre a escolha do curso, as palavras “gosto”, “sonho”, “paixão” e a frase “ me fascinou” demonstram uma relação afetiva com a escolha do curso e as outras expressões como, “Pertencimento à justiça “ [...] “ trazer melhorias para o ensino de inglês” demonstram um compromisso social dessas estudantes negras. Esses aspectos podem ser encontrados, independente do pertencimento racial mas, diante do percurso histórico das mulheres negras, é importante ressaltar que essas ainda sonham, buscam justiça e querem mudar a sua realidade. A opressão histórica não destruiu a capacidade de sonhar e de lutar.

As respostas sobre a pergunta sobre o que representava a universidade na vida, as mulheres responderam:

QUADRO V- A UNIVERSIDADE E A IMPORTÂNCIA NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS

Participante	A UNIVERSIDADE E A IMPORTÂNCIA NA VIDA.....
--------------	---

09	“O conhecimento amplo do direito”
10	“Me mostrou um novo olhar sobre a profissão do pedagogo.”

Fonte: Pesquisa de campo

Neste item ficou apontado a perspectiva para o futuro e todas manifestaram a pretensão de mudança social que vai desde cursar uma pós-graduação, viajar, ter sua empresa.

Ao analisar os resultados da pesquisa são notórios os desafios enfrentados por estas estudantes que se deslocam de sua casa e cidades, por diversas vezes sem recurso financeiro para cursar o ensino superior. Superando as dificuldades que surgem ao longo de sua história, lembro de Paulo Freire. “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (FREIRE, 1967, p.43).

A Universidade é relevante na vida destas participantes da pesquisa e o processo da construção de suas identidades étnicas bem como desenvolvimento social representa possibilidade de ascensão para distintas descobertas proporcionadas pelo conhecimento adquirido na universidade. É neste espaço que são compartilhados não só conteúdos, mas experiências de vida, valores, sonhos, e a abertura de novos caminhos.

A análise da especificidade das jovens negras faz-nos constatar a posição de intersecção em que se encontram. Entrelaçados de forma indissociável em uma complexa trama estão seus pertencimentos de raça, gênero e geração. Tais elementos mediam em diferentes espaços de socialização, a vivência, em maior ou menor medida, de violências físicas e simbólicas que afetam sua construção identitária no que se refere às percepções de si e de seu lugar na sociedade (ZANETTIE; SACRAMENTO, 2010, p. 26).

4- A MULHER NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE

Após anos de submissão direta e indireta a mulher negra vem alcançando o livre-arbítrio no espaço social, principalmente quando ocupa lugar na Universidade.

Os dias contemporâneos servem para mostrar que a mulher negra é uma referência de auto superação no comando da sua vida, das suas famílias e nas comunidades onde estão inseridas. Porém, apesar das conquistas ainda há discriminações e preconceitos raciais que são tipos de violência. Não deixaram de existir.

A Constituição Federal de 1988 ordena que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, mas para a mulher negra é contraditório devido as situações sócio econômicas enfrentadas por elas, que trazem consigo vários deveres entre eles o de zelar pelas suas famílias, a dupla jornada profissional mais a doméstica que a tornam uma pessoa acumulando tarefas, adaptando-se a circunstâncias muitas vezes insalubres para sua própria existência.

Por esta desigualdade que vem a ser uma herança de um passado que enxerga a mulher como serviçal ou como parte dependente do homem, surgiram os movimentos feministas, para defender a liberdade coletiva e individual em todas as esferas da sociedade.

Cada indivíduo desenvolve estratégias particulares diante das situações de discriminação. Estes muitos jeitos de lidar e reagir ao preconceito racial e de gênero estão diretamente ligados a dois aspectos: à construção de identificação positiva pelo indivíduo e às suas possibilidades de socialização, informação e inserção na sociedade. (ZANETTI;SACRAMENTO,2010, p.31)

Os movimentos feministas contribuem para o empoderamento da mulher negra evidenciando sua identidade étnica lutando por seus direitos de cidadania, revelando-se em diversos ambientes na contemporaneidade enaltecendo sua juventude negra, realizando feitos através do poder da reivindicação, afirmando que a mulher negra pode e deve chegar onde ela desejar.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. (CARNEIRO,2003, p.119)

As lutas por igualdades de direitos estão presentes no dia a dia destas mulheres negras que buscam prestígios pelo próprio caráter pessoal e profissional, superando velhos paradigmas de marginalização e exclusão.

A discriminação racial existe na vida da mulher negra é algo persistente, e muitas resistem encontrando meios de superá-la e é perceptível que a educação é parte significativa desta luta. “As sociedades que vivem esta passagem, esta transição

de urna para outra época, estão a exigir, pela rapidez e flexibilidade que as caracterizam, a formação e o desenvolvimento de um espírito também flexível. ” (FREIRE, 1967, p.45)

Considerações Finais

As incontestáveis problemáticas ocorridas historicamente envolvendo as mulheres negras, ainda são recorrentes no presente. As lutas, os desafios, os preconceitos, dores e receios que foram desenvolvidos e sobrevivendo todo o decorrer do tempo encontram-se notórios ainda na sociedade contemporânea.

O presente estudo buscou analisar de maneira qualitativa a vivência da mulher negra contemporânea na modernidade, de maneira mais precisa na universidade onde as respondentes das perguntas cursavam regularmente cursos superiores na área das Ciências Humanas.

Foi nítido perceber que as respostas colhidas em sua maioria mostram que há valorização da escolaridade e crescimento na vida acadêmica entendendo que se refletirá no social como um todo.

Partindo dessa premissa são necessárias posturas de enfrentamento, resistência ou deslocamento dependendo do momento, da fase da vida, do espaço em que se encontram. Identificamos esses movimentos como sendo um processo de resistência a que pode ser individual ou coletivo. As trajetórias das mulheres negras em nossa sociedade exigem atitudes de avanço e recuo diante de situações vivenciadas em diferentes âmbitos sociais.

A discriminação acontece o tempo todo, de variadas formas em diferentes ambientes, mas ao se tornarem cientes de seus direitos passa-se a empoderar, seja na família ou na escola e assim continuam em busca de oportunidades de ascensão pessoal e profissional, oportunidades que foram negadas historicamente ao longo de sua trajetória de vida em sociedade.

Referências

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento, **Estudos avançados**, v.17, n.49,2003

CORRÊA, Michele. **No Brasil, uma mulher negra não vale nada**. Disponível em:

<https://redesoberania.com.br/artigos/no-brasil-uma-mulher-negra-nao-vale-nada/>

Acesso em: 25 de fev de 2018

FREIRE, Paulo. Política educação. 5ed.São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

_____. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 ,jan./jun, 1988b, p. 69-82

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982

SAKAMOTO, Leonardo. O corpo da mulher negra como pedaço de carne barata.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata> Acesso em: 25 de fev de 2018

ZANETTI, Julia; SACRAMENTO, Mônica. Jovens negras: ressignificando pertencimentos, construindo práticas. In: WERNECK, Jurema (org.). **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Criola, 2010 Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/886> Acesso em: 25 de fev de 2018

